

Edição de Esportes

jornal da tarde

ESPECIAL
A decisão do Campeonato

SÃO PAULO, 3 DE JULHO DE 1989, SUPLEMENTO ESPECIAL DA EDIÇÃO DE ESPORTES, NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

O título para o campeão dos anos 80



Gilmar, Raí e Nelsinho levantam a Taça Centenário da República: o São Paulo é campeão de novo.



Carlos Fenerich/AE

Ciranda em torno de André Luís no meio campo: deu 0 a 0, deu São Paulo.

A consagração para um time que aprendeu a ser aplicado

Eis a principal lição que fica com essa indiscutível conquista do São Paulo de campeão paulista — pela quinta vez nesta década — após o empate sem gols com o São José, ontem à tarde, no Morumbi: quando chega a hora da decisão, ainda é fundamental a tradição. Camisa. E jogadores experientes e acostumados a temperaturas dos grandes jogos.

O São Paulo, do técnico Carlos Alberto Silva, contou com todas essas qualidades. E mais: disputou essa final com o São José de maneira tranqüila. Sem traumas. Sem ansiedade. Como se estivesse programado para jogar apenas as partidas importantes e fosse normal trocar de técnico e armar o time no meio da competição.

E o São José se comportou como um adversário ideal para o São Paulo. O time não deu mais do que um chute a gol em toda a partida. Aos 28 minutos do segundo tempo, o volante Delacir arriscou um chute de longe, após um es-

corregão de Bernardo no meio do campo. A bola explodiu na trave e na volta o atacante Wilson se assustou com a bola no pé e permitiu que a defesa se recuperasse no lance.

Nem com esta jogada, o São José conseguiu encontrar forças para ir ao ataque e pressionar o adversário em busca do gol que pudesse inverter as coisas e empurrar a decisão para a prorrogação. Mas faltou para o time do Vale aquilo que sobrou para o campeão: um jogador experiente no meio-de-campo capaz de gritar com os companheiros e empurrar o time para o ataque. Outro detalhe: o São José não fez jogadas pelas extremas porque não contou com especialistas na posição e os laterais ficaram presos na defesa.

Com o adversário subjugado, sem forças para atacar e o jogo controlado no meio-de-campo com a técnica de Raí e a valentia de Vizolli, o São Paulo se deu ao luxo de jogar no ataque. E ainda terminou a partida procurando o gol

enquanto o adversário se arrastava em campo.

Ficou a impressão ainda, que o São Paulo teria chegado até a vitória se o baiano Bobô não tivesse deixado o campo ainda no primeiro tempo por causa de uma falta desleal de Vander Luís. Ou mesmo se o ponta Mário Tilico estivesse mais inspirado. Afinal, ele recebeu vários lançamentos. Ganhou dos adversários na velocidade, mas não soube concluir as jogadas. A única que acertou, aos 37 minutos, o goleiro Luís Henrique fez grande defesa e mandou a bola para escanteio.

No primeiro tempo, o São Paulo também foi melhor. Mesmo jogando de maneira cadenciada e saindo poucas vezes ao ataque; o time criou as melhores jogadas como aquela em que Nei tentou fazer o gol por cobertura e erro.

Em resumo, o São Paulo foi campeão sem ser brilhante. Sem deixar seus torcedores extasiados por um futebol

exuberante. Sequer marcou, através de seus atacantes, um gol nos dois jogos desta decisão. Mas reuniu méritos, de sobra, para conquistar o 16º título de sua história no futebol paulista. E mostrou aos seus adversários que é um time de chegada. Que soube, em primeiro lugar, vencer seus próprios defeitos. Crescer no meio da competição. Formou um espírito de campeão dentro do grupo. E conquistou o título bem antes de fazer a final com o São José.

Ailton Fernandes

São Paulo: Gilmar, Zé Teodoro, Adilson, Ricardo e Nelsinho; Vizolli, Bobô (Benê) e Raí; Mário Tilico, Nei (Bernardo) e Edvaldo. **Técnico:** Carlos Alberto Silva. **São José:** Luís Henrique, Marcelo, Juninho, André Luís e Joãozinho; Delacir, Fabiano (Wilson) e Vander Luís; Donizete (Henrique), Toni e Tita. **Técnico:** Ademir Mello. **Juiz:** José de Assis Aragão. **Renda:** NCz\$ 530.160,00. **Público:** 97.965 pagantes. **Local:** Morumbi, ontem à tarde.

O CAMPEÃO



Gilmar

Foi um mero espectador do jogo. Não fez uma defesa difícil. E quase se complica ao permitir que um chute de longe explodisse na trave. Pela campanha. 7.



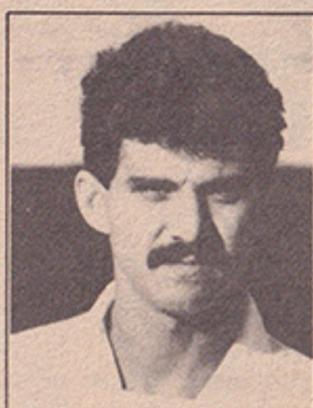
Zé Teodoro

Um valente. Marcou e desceu no apoio. Mostrou sempre muita garra e determinação. Mas errou alguns passes. 7.



Adilson

Uma atuação sóbria e tranqüila. Teve pouco trabalho com o ataque do S. José. Pela campanha em todo o Campeonato, merece nota 9



Ricardo

O melhor do jogo. Mostrou categoria e elegância até nos lances mais simples. Se não ficar no Morumbi, vai deixar saudade. Nota 10.



Nelsinho

Desta vez, não foi muito ao ataque. Mas mostrou o mesmo futebol equilibrado e técnico. Por isso, leva nota 7.



Vizolli

Cumpriu bem sua missão no meio-campo. Foi violento às vezes, mas também andou fazendo jogadas de categoria. Estava esquecido. E provou que é muito útil. Fica com 7.



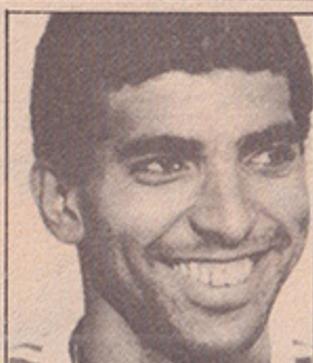
Bobô

Jogou só um tempo. Tentou abrir a defesa do adversário, mas foi caçado em campo e saiu machucado. 5. Benê Não foi bem. Faltou mais confiança para decidir. 4.



Rai

Foi o maestro do time no meio-campo. Armou, lançou e prendeu a bola. Ditou o ritmo da partida. Só faltou chegar mais ao gol. Merece nota 8.



Mário Tilico

Desta vez, não soube abrir a defesa com sua velocidade. Teve chances, mas errou na conclusão dos lances. Não decepcionou. Fica com nota 6.



Nei

Desta vez, não foi bem. Jogou longe da área e mostrou alguma inibição. Teve uma grande chance de se consagrar e jogou fora. Por isso, fica com 4.



Edivaldo

Não foi tão brilhante como no outro jogo. Mesmo assim, teve uma atuação boa porque mostrou muita raça e impediu o apoio do lateral do S. José. Nota 6.

O VICE

Luis Henrique:

Desta vez, foi pouco exigido. Mas é um goleiro que transmite confiança ao time e pode evoluir muito mais. Pela campanha, 8

Joãozinho:

Teve trabalho, mas conseguiu conter o veloz Tilico. Faltou ousadia para ir ao ataque. Por isso, nota 5.

Vãnder Luís:

Outro que tremeu na decisão. Só fez jogadas óbvias. Não lançou, não armou, não criou. Pelo esforço, leva 4.

Marcelo:

Ganhou o duelo com Edvaldo. Mas não teve forças para ir ao ataque. De qualquer forma, mostrou que o técnico está certo ao mantê-lo no time. 7.

Delacir:

Tem talento. Mas sentiu o peso da decisão e pouco fez. Foi raramente ao ataque. E mandou uma bola na trave. Merece nota 5.

Fabiano:

Sua missão era anular Bobô. Depois que ele saiu, não achou espaço no campo. Nota 3. WILSON: Entrou e jogou fora a única chance de gol. 2

Juninho:

Uma atuação tranqüila. Nunca entrou em pânico. Tomou conta do setor e mostrou que ainda pode ser muito útil. Nota 6.

Toni:

Sem receber lançamentos, foi presa fácil para a defesa tricolor. Tentou sair da área, mas também não teve êxito. Fica com 5.

Tita:

Levou duas pancadas de Vizolli no começo do jogo e sumiu em campo. Não foi nem a sombra do homem que destruiu o Corinthians. 4.

André Luís:

Outro que também teve pouco trabalho. Apelou feio em algumas jogadas. Mesmo assim, fica com nota 6.

Donizete:

Também se escondeu o jogo inteiro. Pegou poucas vezes na bola. Nota 3. HENRIQUE: Entrou quando o time já se arrastava. 3



O JUÍZ

Não foi boa a atuação de José de Assis Aragão. Para começar, deixou de marcar algumas faltas claras como uma no lateral Zé Teodoro no segundo tempo. E também foi mal no campo de disciplina: falta de Vãnder Luis em Bobô sequer mereceu sua atenção. Falhou também quando Rai e Mário Tilico foram agarrados e jogados no chão. A seu favor, uma coisa: não influenciou no resultado do jogo. Por isso, nota 6.

Campeão! E o delírio toma conta da torcida do São Paulo.

Mal acabou o jogo começou a invasão do campo. Gilmar e Bobô foram carregados nos ombros. Era a festa do título, que continua hoje no Gallery.

Quando o juiz José de Assis de Aragão deu o jogo por encerrado, a torcida do São Paulo invadiu o gramado ao lado dos repórteres. O fanático Hélio Silva, da TUSP — Torcida Uniformizada do São Paulo, carregou nos ombros primeiro Gilmar, depois Bobô. O goleiro delirava, gritando que era campeão, batendo com as duas mãos no peito. Bobô, mais comedido, de sandálias havaianas e apenas calção, sorria:

— Saí porque meu joelho estava doendo muito; agora vai receber o tratamento que merece. Mas valeu, mal cheguei e já sou campeão paulista pela primeira vez. Isso é um grande privilégio. O São José é um time forte, brioso e valorizou muito o nosso título. Eles também devem comemorar, pois não é fácil ser vice-campeão paulista.

O preparador físico Walter Maffei, que se prepara para trabalhar ao lado do técnico Oscar (o ex-jogador do São Paulo), no Nissan do Japão, mostrava o resultado do duelo entre dois velocistas, Mário Tilico e Joãozinho. Mário Tilico faz 25 metros em 3s1/10, dos 25 aos 50 metros, ele fez em 2s4/10. Os primeiros 50 metros Tilico faz em 5s5/10; e os 100 metros iniciais em 11 segundos.

— O arranque é nos 25 metros iniciais. É o deslanche. A vitória é decidida dos 25 aos 50 metros. Hoje, no duelo entre o Tilico e o Joãozinho, o Tilico venceu 6 piques e perdeu 2. Nas divididas, o Tilico empatou com o Joãozinho: 5x5. O Joãozinho é um velocista como o Tilico, explica Walter Maffei.

E o fisiologista do São Paulo, Turubio Leite de Barros Neto, apenas lamentou que não se dá maior atenção ao jogador velocista:

— É preciso entender que ele corre na grama. Derrapa com frequência, e de chuteira. Jamais alguém pegou um jogador velocista, deu-lhe uma sa-

patilha e o colocou numa pista de corrida. Seria muito interessante essa experiência.

Os jogadores e o técnico Carlos Alberto Silva, reunidos num palanque de madeira ao lado do gramado, levantavam o troféu levando a torcida ao delírio. Há muito tempo não se via tantos torcedores num jogo do São Paulo. E eles se preparavam para a festa de comemoração na praça Ramos de Azevedo, com trio elétrico e tudo mais. Antes, passaram pelo grande ginásio de esportes do setor social no Morumbi e ajudaram a beber dez mil litros de chope.

No vestiário, também invadido pela torcida, os jogadores tomaram um banho rápido e foram para suas casas. A festa no Gallery marcada para ontem à noite, ficou para hoje. A torcida cantava o hino do São Paulo e desafiava a oposição, liderada por Antonio Nunes Leme Galvão.

— Essa foi a vitória dos incompetentes conforme a oposição nos chamou. A resposta está aí, dizia um torcedor.

Os dirigentes prometiam a contratação definitiva de Ricardo, cujo passe pertence ao empresário Juan Figer e está avaliado em US\$ 1 milhão. O São Paulo tem cerca de US\$ 2 milhões aplicados, mas não pretende gastar muito dinheiro em contratações. O plano é oferecer jogadores em troca de Ricardo. O prêmio pela conquista do título foi de 15 mil cruzados (os jogadores já haviam recebido 5 mil cruzados pela classificação). Isso ficou decidido ontem no vestiário, um fato inédito.

Müller esteve no Morumbi no meio da semana e pediu para que o São Paulo comprasse seu passe do Torino da Itália. Mas como disseram os dirigentes, o clube não pretende gastar muitos dólares em contratações, e Müller é um jogador caro.

Chico Dominguez



Juninho não deu folga para Nei. Foi uma marcação dura o jogo inteiro.



Vizolli lutou muito. Foi uma boa presença na defesa do São Paulo.



Sérgio Berczovsky/AE

Tita no chão, Juninho e André Luís reclamam e Aragão reage: o São José fica com o vice.

Um vice-campeão diferente: estava todo alegre.

O motivo dos jogadores era simples: jogaram bem até a última partida.

A experiência da maioria dos jogadores que já decidiram títulos por times grandes veio à tona ontem no vestiário do São José. Apesar da luta pelo título, o vice-campeonato paulista era bem-vindo. "É lógico que fizemos o possível para vencer. Mas, se não seguimos o título, pelo menos provamos o nosso valor. Muitos de nós não tinham futuro em seus clubes e viemos para o São José formar um grupo vencedor que derrubou times como a Portuguesa e o Corinthians", destacava o volante Delacir, perseguido no Flamengo depois de perder a bola que deu origem ao gol do Grêmio que desclassificou o time carioca na Copa União de 1988.

E foi também por um lance esporádico que Delacir foi procurado por toda a imprensa. Aos 28 minutos do segundo tempo, ele chutou forte ao gol. A bola desviou em Ricardo e bateu no

travessão. "Eu chutei bem. Mas um time campeão tem de ter carisma e sorte. Isso não faltou ao São Paulo. Não deu para vencer hoje (ontem), mas a vida continua", resumia. E na vida de Delacir pode estar o Corinthians que já contratou seu procurador para saber da possibilidade da transferência.

Se o time não conseguiu a vitória sonhada, pelo menos um jogador tinha motivos para se alegrar. Fabiano, que havia perdido a posição de titular no segundo turno, cumpriu bem a tarefa que Ademir Mello pediu: marcar individualmente Bobô.

— Estava há muito tempo sem jogar. Foi difícil marcar o Bobô porque ele é muito técnico, inteligente. Procurei me antecipar e não deixar que dominasse a bola. Marquei-o sem apelar para a deslealdade. Sei que cumpri minha missão — resumia.

Para André Luís, capitão do time

há dois anos, o São José perdeu o título na quarta-feira. "Quando abrimos mão da vantagem do empate, tivemos de abandonar nossa principal característica, o contra-ataque. Só sinto ter sido eu a marcar o gol contra. Gostaria de entrar na história do São José de outra maneira", confessava.

Vânder Luís, no entanto, fazia questão de lembrar outros motivos que acabaram influenciando. "O grupo ficou abatido com o que aconteceu com o Marquinhos. Além de ser excelente lateral-direito, é um dos jogadores mais alegres do São José. Quando foi afastado da final, sem nenhuma explicação, ficamos chateados. Outra decepção foi com o bicho de NCz\$ 5 mil por derrotar o Corinthians no domingo passado. Até sexta-feira, o dinheiro não foi depositado nas nossas contas. E a promessa era que o bicho viria na terça-feira. É uma coisa pequena, mas acaba pesando", di-

zia o novo jogador do Fluminense.

O ponta Donizeti também vai para o Rio de Janeiro. Seu empresário, o carioca Leo Rabelo, telefonou no sábado avisando que o havia emprestado por seis meses ao Botafogo. "Eu não iria ficar de qualquer modo no São José. Aconteceram várias coisas por aqui que nem vale comentar", afirmava. O técnico Ademir Mello era o principal advogado de defesa do clube:

— Não existe nenhum problema no São José. Os dirigentes fizeram o que era possível para dar tudo ao time. Eu sou testa-de-ferro da diretoria e posso garantir que não fizemos nada errado. O dinheiro da vitória contra o Corinthians será depositado no começo da semana — prometia.

Como o time não conseguiu o título, cada jogador perdeu NCz\$ 10 mil. O grupo tentou reivindicar NCz\$ 5 mil pelo vice.

Cosme Rímoll

A GRANDE FESTA



Marcos Fernandes/AE

Torcida do São Paulo: festa antes, durante e depois do jogo.



Célio JR/AE

O são-paulino festeja: é supremacia



Sérgio Amaral/AE

Edivaldo, Raí e Nelsinho com a Copa Centenário da República.



Célio JR/AE

Na Praça Ramos, festa depois da conquista.

A torcedor são-paulino já se habituou a comemorar títulos. Essa década de 80, definitivamente, pertence ao São Paulo, um time cinco vezes campeão paulista e uma vez brasileiro. A fatura de festas tornou-se uma rotina. Por esses motivos é que ontem, no saguão do estádio do Morumbi, o desfile de torcedores entusiasmados ou ilustres foi mingaço. Alguns ex-jogadores passaram por lá,

como Gilberto Sorriso e Careca, incógnito, que se dirigiu a um setor das numeradas superiores. E um casal famoso também foi pouco cortejado: José Victor Oliva e Hortência.

A festa tricolor começou antes mesmo do início do jogo. A confiança dos torcedores era excessiva. Hélio Silva, presidente da Torcida Uniformizada, abusava dos abraços. Seus pares: José Eduardo Farah, presiden-

te da Federação Paulista de Futebol, e Luiz Antônio Fleury Filho, secretário de Segurança Pública do Estado. Aliás, o corintiano Luiz Antônio Fleury foi objeto de cobiça. Seu mote: a implantação de um microcomputador que, no próprio estádio, fornecia a ficha de antecedentes dos indiciados.

— Esse sistema de segurança, com o auxílio do computador, beneficia a condução do espetáculo.

Ficamos sabendo quem é mau elemento e quem veio para tumultuar.

Osni Branco, artista plástico, não foi muito procurado no saguão, embora sua arte fosse a mais cobiçada na partida de ontem. Branco idealizou e construiu a taça do campeão, uma moderna escultura em metal:

— Idealizei a taça buscando as fontes da vida, o oxigênio, a nature-

za, toda a base do esforço físico dos jogadores — explicou o artista, que levou 70 dias para confeccionar o troféu.

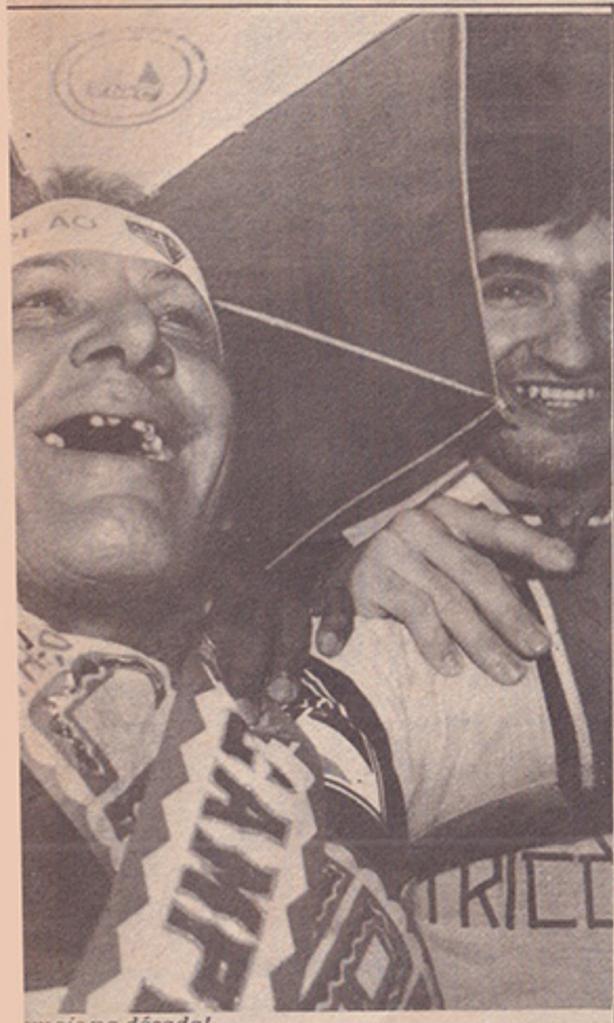
Faltando uma hora para o início da decisão, o saguão ganhou a presença de um casal badalado. Com jaqueta de couro, sorriso na face, José Victor Oliva entrou de mãos dadas com Hortência. Ela, acompanhando o marido, vestia uma justa calça de

couro. E não vestia a emoção de seu companheiro.

— Sou corintiana, não torcerei para nenhum dos dois times. Acho que o São José fez uma campanha bonita e merece também o título.

O repórter insiste: "Você, uma pessoa de carisma do interior paulista, não estaria aqui para ajudar o time do Interior, o São José?" Hortência des-simulou:

TA TRICOLOR



...mais na década!

Marcos Fernandes/AE



...para o estádio, confiante.



Rai deixa o adversário sentado: o São Paulo tinha todas as vantagens.

— Não, acho que o José não merecia o primeiro jogo. Quem hoje, está bom.

Oliva, no final do jogo estava rouco nos vestes. Ele disse que, nos minutos finais da partida, a torcida torceu para o São Paulo.

— No fim, ele me deu. Acho uma dádiva para o São Paulo. Esse foi o melhor ano. Me casei, comemorei mais títulos. É muito.

José Victor Oliva confirmou que hoje à noite a festa dos jogadores do São Paulo será na sua casa, isto é, na requintada boate Gallery. Ontem, três festas movimentaram a torcida tricolor. A primeira começou com a saída do estádio de um trio elétrico abarrotado de torcedores. A caravana seguiu para a praça Ramos de Azevedo, onde foram prometidos 10 mil litros de chope para a

festança, madrugada adentro.

A segunda festa aconteceu no próprio estádio, em um ginásio anexo, onde barris de chope espoucaram. E a terceira, essa mais especial, culminou em uma boate de nome Cup, na Zona Oeste da cidade.

Os jogadores, os ídolos do momento, não tiveram sossego. Desde o apito final de José de Assis Aragão até o alívio do

banho, os fanáticos torcedores não desgrudaram. Tudo por um autógrafa, um abraço, um beijo rápido. Atônitos, eles comemoraram o título derramando champanhe sobre a taça. E depois foram levados, à força, para o agradecimento final do mentor de todos eles: Carlos Alberto Silva.

José Eduardo Chimmello, gerente de futebol do São Paulo, confirmou que Careca assistiu ao jo-

go de um setor das numeradas superiores. No final, com os vestiários invadidos, Careca não apareceu para um abraço aos amigos de seu ex-club.

Com ou sem Careca, os torcedores festejaram aos berros: "É tricolor! É tricolor! Olê, Olá!" Tinham razão. Tingiram o Morumbi de vermelho, preto e branco desde o início da tarde de ontem. Mais de 100 mil pessoas

desfilaram pelo estádio. Cantaram, gritaram, xingaram, tudo em nome de uma paixão: São Paulo.

Nada mais justo. Afinal, estavam reverenciando um clube acostumado aos títulos. E, agora, ostentam mais uma certeza: torcem para o time que conquistou a supremacia dos anos 80. Por isso, gritavam: "São Paulo, o rei da década".

Luiz Antônio Prósperi



São José, vice-campeão: Juninho, Luís Henrique, André Luís, Delacir, Marcelo, Joãosinho (em pé), Donizete, Fabiano, Toni, Vander Luís e Tita.

SÃO JOSÉ

Vocação

para ser surpresa, desde 1933.

O São José provou, ao longo de sua história, ser especialista em surpreender os fanáticos torcedores de São José dos Campos. Foi assim desde que foi fundado em 13 de agosto de 1933. Os habitantes da cidade, acostumados a acompanhar por 30 anos os jogos pelos diversos campeonatos da região do Vale do Paraíba, foram à loucura quando o presidente do clube, Mário Ottoboni, afirmou que a equipe disputaria a 3ª Divisão de Profissionais, em 1964.

Era decretado o fim do amadorismo no São José. Mário Ottoboni que acumulava os cargos de presidente com a chefia de gabinete do prefeito conseguiu verbas para estruturar a equipe. As vitórias foram se acumulando e o inesperado aconteceu: logo na estreia na 3ª Divisão, o time era promovido para a "Segunda", a qual venceria no ano seguinte.

Animados com a perspectiva de disputar a principal do futebol paulista, os dirigentes se excederam. Como a Federação Paulista de Futebol exigia que qualquer time da primeira divisão tivesse um estádio de no mínimo dez mil lugares, Mário Ottoboni, ainda presidente, ampliou a capacidade do Martins Pereira de três mil para 18 mil lugares. Isso exigiu que o clube pedisse uma licença de dois anos à FPF. De repente, São José

dos Campos ficou sem futebol em 1968 e 1969. Diede e os jogadores, entre eles um goleiro iniciante de nome Leão, ficaram sem emprego.

A reabertura triunfal do Martins Pereira foi em 1970 com um torneio reunindo Palmeiras, Atlético Mineiro, Corinthians e Internacional de Porto Alegre. Querendo recuperar parte do investimento da ampliação, os dirigentes resolveram cobrar preços exorbitantes para o torneio que o São José não estava. O fracasso financeiro foi gigantesco. O prefeito Eduardo José de Paula Santos evitou o pior e, em 1975, o Martins Pereira passava a ser municipal.

As campanhas do time continuavam boas até que em 1980, a grande festa. Tonho, Darci, Walter, Ademir Gonçalves e Nelsinho; Ademir Mello, Tata e Esquerdinha; Edinho, Tião Marino e Nenê, orientados por Henrique Passos, chegavam à sonhada 1ª Divisão. Os surpreendidos e orgulhosos moradores de São José organizaram uma recepção histórica na Via Dutra para receber os atletas da Águia do Vale — novo apelido criado por um diretor entendido em aves que achava a águia imponente.

A cidade, ofuscada com as vitórias, não percebeu que o time estava envelhe-

cendo. Quando se falava em vender qualquer jogador era um rebuliço. O resultado foi a queda para a 2ª Divisão em 1983 onde passou quatro anos até o dentista Pedro Yves ser eleito em 1987. Yves trouxe como diretor de futebol Diede Lameiro que formou a equipe que conseguiu voltar à 1ª Divisão. No ano passado o time, dirigido por Leão (Diede, firme como diretor), foi quarto colocado.

Este ano, quando a equipe se classificou entre as 12 melhores que ficaram para a 3ª fase, os dirigentes pensaram que o campeonato havia chegado ao fim para o São José. Pedro Yves, presidente e vice-prefeito (embora quando tivesse assumido o clube prometera que não se aproveitaria politicamente do cargo), passou a tratar de recuperar o dinheiro investido no time. Assim, Vander Luís era vendido para o Fluminense por NCz\$ 350 mil (o clube havia pago NCz\$ 45 mil ao Atlético Mineiro) depois da primeira vitória na 3ª fase, frente à Portuguesa, Yves continuou atrás de dinheiro e tratou pessoalmente da negociação de Toni com o Valencia da Espanha por US\$ 200 mil (o centroavante veio como contrapeso na troca de Ditinho por Marquinhos, com o Guarani).

Surpreso com a classificação para a

A campanha

1ª Fase

Internacional	0 x 3
Ferroviária	1 x 2
Xv de Jaú	2 x 1
Xv de Piracicaba	3 x 1
Moji-Mirim	2 x 0
Noroste	4 x 0
União São João	3 x 4
Botafogo	1 x 0
Catanduense	1 x 0
América	3 x 0
Novorizontino	1 x 0

2ª Fase

São Paulo	0 x 0 (5 x 3)
Guarani	0 x 0 (5 x 3)
Santos	1 x 1
São Bento	1 x 1
Palmeiras	0 x 1
Juventus	2 x 1
Bragantino	1 x 0
Portuguesa	1 x 1
Santo André	3 x 0
Corinthians	1 x 0

3ª Fase

Portuguesa	2 x 1
União São João	0 x 1
União São João	3 x 1
Portuguesa	0 x 0

Semifinal

Corinthians	0 x 2
Corinthians	1 x 0 (2 x 0)

Final

São Paulo	0 x 1
São Paulo	0 x 0

final do campeonato, desclassificando o Corinthians, Diede Lameiro pediu aos demais jogadores praticamente vendidos, como Delacir, Marquinhos e Donizeti, que não revelassem à imprensa as negociações. O São José não poderia passar recibo por perder dinheiro por não acreditar em seu próprio time: o status por disputar o final com o São Paulo já serviria para, no mínimo, dobrar o preço de seus atletas. É o São José seguindo sua sina de surpreender a todos que se envolvem com seu futebol. **Cosme Rimoli**

SÃO PAULO

Um começo desanimador: 89 não parecia ano de chegada.

Para chegar à final com o São José, o São Paulo passou por uma mau pedaço, nada indicando que 1989 pudesse se transformar num ano tricolor, uma vez que o começo da campanha foi repleto de percalços.

Antes mesmo de começar o campeonato, o time já vivia problemas do relacionamento com Cilinho. Uma das primeiras medidas do técnico no início do ano foi recomendar à diretoria que colocasse à venda os passes de Gilmar, Nelsinho, Bernardo, Lê e Edivaldo, por terem os cinco participado de uma suposta conspiração contra ele.

O presidente Juvenal Juvêncio não concordou, e tratou de contornar a situação. Ai, então, as renovações de contrato de Gilmar, Nelsinho e Lê se tornaram difíceis quase torturantes. No fim, apenas Lê foi negociado com a Portuguesa.

Depois do estágio em Campos do Jordão, o time estreou no campeonato. Jogou mal, é verdade, mas marcou três pontos contra o enfraquecido XV de Jaú, no Morumbi. No primeiro jogo no interior, a derrota para o XV de Piracicaba por 1 a 0, seguido de uma reação significativa, com vitórias de três pontos sobre Moji-Mirim, Noroeste (em Bauru) e América.

Foram suficientes dois empates sem gol — em Araras e Catanduva — para a diretoria consumir a dispensa de Cilinho, que já não tinha mais ambiente no clube. Além dos desentendimentos com os cinco jogadores, Cilinho teve atritos com o médico Marco Aurélio Cunha, o superintendente José Eduardo Chimelo (responsável pela misteriosa saída de Cilinho em 15 de julho de 86) e até com o preparador físico Bebeto, que sempre fora o seu homem de confiança.

Quem assumiu provisoriamente o cargo foi o auxiliar Pupo Gimenez, técnico que se especializou na pesquisa e descoberta de revelações no interior, mas que não tinha carisma nem temperamento para tratar com jogadores profissionais. Assim, a campanha continuou ruim (empates sem gol com Novorizontino e Internacional, uma pobre vitória de 1 a zero sobre o Botafogo e empate com a Ferroviária, 1 a 1).

A contratação de Carlos Alberto Silva já estava decidida, mas havia resistência por parte do Cruzeiro e a estréia só aconteceu contra o São José, no início do 2º turno, com outro empate sem gols e derrota nos pênaltis por 5 a 3. Bobô foi afastado por se atrasar na volta da viagem a Salvador, Nelsinho acabou suspenso 30 dias pelos incidentes de Piracicaba, Mário Tilico e Mazinho se machucaram e Calor Alberto não teve condições de avaliar o potencial do time.

Mesmo com a vitória de 4 a 0 sobre o fraco time do Juventus, o rendimento continuava baixo. Houve empate em dois clássicos (1 a 1 contra Palmeiras e Portuguesa) e uma viagem a Bragança, contra o fantasma do campeonato, sem Edivaldo (não renovara contrato), Nelsinho (ainda suspenso) e Rai e Bernardo machucados.



Sérgio Berezovsky/AE

Vander Luís contra Vizolli: o duro duelo no meio de campo. O São José deu trabalho, mas o São Paulo mostrou ser um campeão determinado.

Carlos Alberto percebeu que o time se despersonalizava no interior. Acostumado ao futebol ofensivo, de passes em série e evoluções de visual agradável, os jogadores se inibiam diante da dureza, violência e correria dos adversários.

Ivan, inseguro, acabava desequilibrando o imperturbável Adilson, zagueiro de produção regular, mas que dificilmente perde uma dividida. Até que Ricardo (a única das quatro contratações que o técnico havia solicitado no início de seu trabalho) estréia contra o Santo André, no encerramento da segunda fase, com a classificação entre os doze já garantida.

Um jogo antes, no entanto, uma surpresa. Ao entrar no segundo tempo, contra o São Bento, Mário Tilico parece outro e, em jogadas suas, o time começa a marcar e pára nos 3 a 0, como não acontecia há tempos. No vestiário, Edivaldo finalmente renova contrato. As coisas pareciam mudar.

Na estréia do terceiro turno, Rai volta contra o Guarani e ajuda o time a empatar em um gol. O primeiro tempo foi de entusiasmar, mas o vício de voltar para defender a vantagem provocou o crescimento do Guarani e o empate ficou parecendo castigo.

A crítica também não gostou do empate de um gol em Limeira, mas os

dirigentes, o técnico e os jogadores deliraram: o time havia perdido quatro gols e Tilico fora outra vez o melhor. No jogo de volta com a Inter, a mania de segurar o um a zero quase desclassifica o time.

Mas em Campinas, agora já mostrando o futebol que Carlos Alberto queria — marcação meia pressão, dois ou três passes longos para sair da defesa ao ataque —, o time decolou. A essa altura, o técnico já estava convencido de que o grupo não sabia jogar na defesa. Com liberdade para atacar o time revelou os primeiros contornos de um verdadeiro campeão.

Nos dois jogos com o Bragantino, acontece a consolidação das quatro grandes vertentes do futebol: o moral elevado, o plano de jogo coerente, as individualidades surpreendendo e o preparo físico impecável.

No interior, o São Paulo jogava como seus adversários: pegando forte na marcação e ágil e objetivo no ataque. Os jornalistas que cobrem o Morumbi puderam então transmitir para a torcida as palavras proféticas de Gilmar, depois do empate com a Internacional:

— Os meus doze anos de carreira, e os treze títulos que conquistei, me autorizam a dizer que o espírito de campeão se instalou no São Paulo. Daqui, chegaremos até a final...

A campanha

1ª Fase	
XV de Jaú.....	3 X 1
XV de Piracicaba.....	0 X 1
Moji-Mirim.....	3 X 0
Noroeste.....	3 X 1
América.....	4 X 1
União São João.....	0 X 0 (2x4)
Catanduvense.....	0 X 0 (4x2)
Novorizontino.....	0 X 0 (8x7)
Internacional.....	0 X 0 (0x3)
Botafogo.....	1 X 0
Ferroviária.....	1 X 1
2ª Fase	
São José.....	0 X 0 (3 X 5)
Juventus.....	4 X 0
Portuguesa.....	1 X 1
Palmeiras.....	1 X 1
Bragantino.....	0 X 1
Corinthians.....	0 X 2
Guarani.....	1 X 0
Santos.....	1 X 2
São Bento.....	3 X 0
Santo André.....	1 X 0
3ª Fase	
Guarani.....	1 X 1
Internacional.....	1 X 1
Internacional.....	1 X 0
Guarani.....	3 X 2
Semifinal	
Bragantino.....	2 X 0
Bragantino.....	1 X 0
Final	
São José.....	1 X 0
São José.....	0 X 0

“Meu segredo é muito trabalho”

Carlos Alberto Silva, o técnico campeão, explica assim sua fama de ser um homem de sorte.

“Foi, sem dúvida, um jogo muito difícil. Mas nós já esperávamos isso. Durante o primeiro tempo, ficamos esperando que o São José saísse para o ataque, mas eles, cautelosamente, ficaram atrás, mantendo dois homens na frente, para contra-atacar. Não demos chance para que o São José tivesse êxito em seus contra-ataques; o bloqueio foi muito bem feito pelo meio e os nossos laterais, Zé Teodoro e Nelsinho, estavam muito bem no apoio e na defesa. Assim, os pontas deles eram obrigados a ajudar na marcação.

Fiquei preocupado quando perdemos o Bobô, machucado, ainda no primeiro tempo. Mas o Benê entrou e deu conta do recado. Quando terminou o primeiro tempo, saí correndo para o vestiário e disse aos jogadores que o São José iria sair mais, e que deveríamos aproveitar para ir um pouco mais à frente. Falei também aos jogadores que deveriam confiar mais em seu futebol, em seu potencial.

O time melhorou no segundo tempo, foi mais para o ataque. Mas o São José continuou cauteloso e assustou a gente, mandando uma bola na trave. No final, a vitória foi mesmo nossa, pois o empate nos deu o título de campeão paulista. Eu quero agradecer a toda a Imprensa

pelo apoio que deu a meu trabalho. Terminei praticamente a década como campeão pelo São Paulo. E agora pretendo iniciar a próxima década, com o pé direito, também no São Paulo. Tenho contrato até o final do ano e pretendo cumpri-lo com prazer.

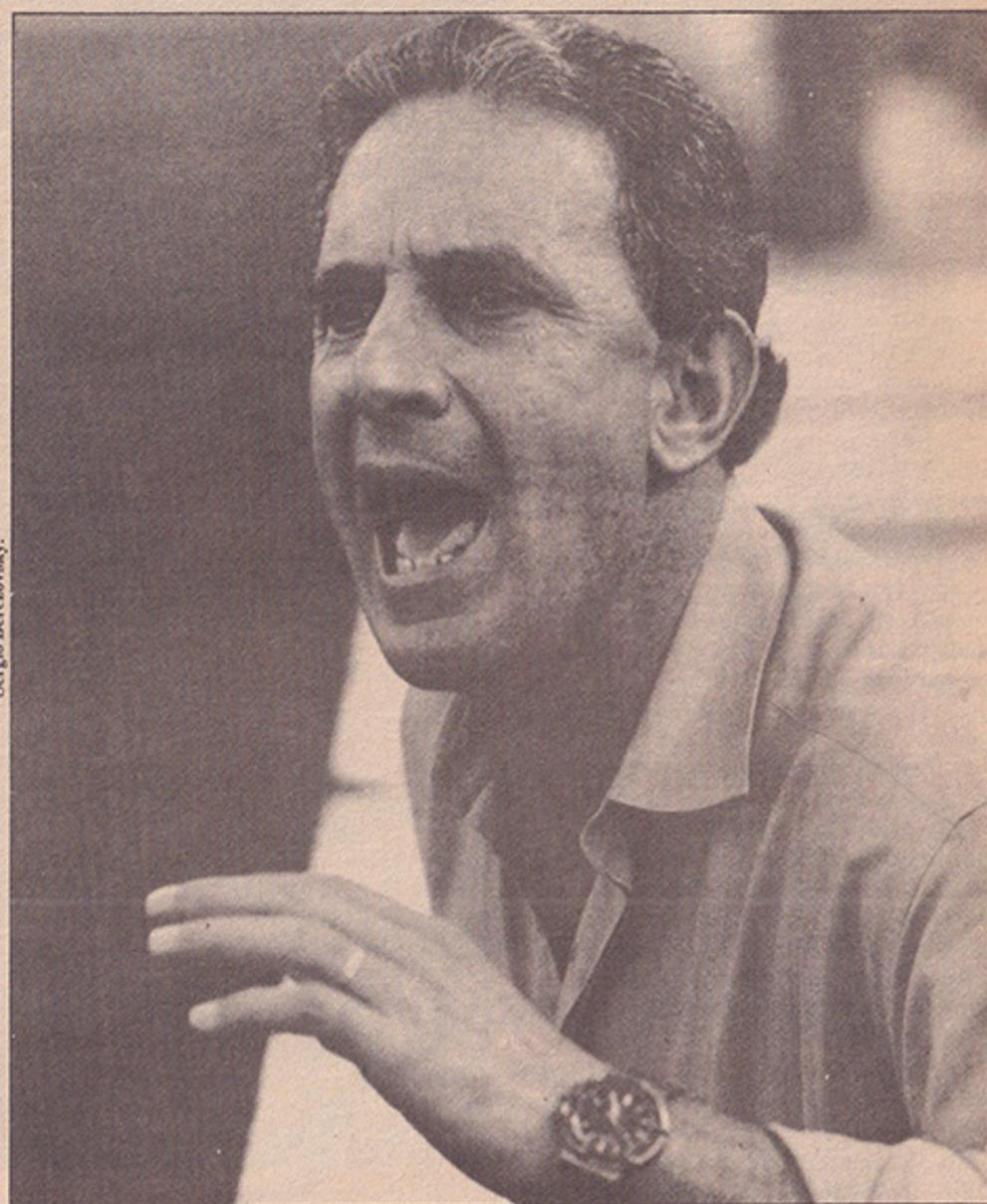
“Devo uma boa parte do título ao Zé Teodoro. Ele sim é um pé quente. Eu me identifico muito com ele.”

Esse negócio de eu ser o homem das estrelas, um pé quente, é tudo subjetivo. O segredo é muito trabalho, procurar ganhar a confiança dos jogadores e também confiar neles, ser sempre honesto. Eu sempre falo aos jogadores o que eles não gostam de ouvir, mas todos sabem que sou franco. Os jogadores estão de parabéns! Eu me identifico muito no time com o Zé Teodoro; ele é o jogador que inflama o time, dá espírito de luta a todos os companheiros. Por isso fico muito contente por ele ir para a Seleção.

Devo uma boa parcela do título ao Zé Teodoro e

ao seu carisma. Ele sim é pé quente, não eu. Agora vamos ver se para o Campeonato Brasileiro, conseguimos manter esse elenco. Eu pedi a contratação definitiva do Ricardo, ou pelo menos a prorrogação de seu empréstimo até o final do ano. Esse jogador acertou o setor; não tivemos mais problemas por ali. Temos ainda muitos jogadores jovens e de bom potencial técnico no time, como Paulo César, Ney, Netinho, Benê, Ivan e tantos outros. Acredito que logo todos vão ‘estourar’; vão virar craques. Mas é sempre preciso manter a humildade. Eu mesmo sempre gostei de ser humilde; não quero nada para mim mesmo. Este título que ganhamos, por exemplo, eu o dedico a minha mulher e a meus filhos, que me ajudaram muito e a quem devo muito do que sou hoje.

Espero ser novamente o técnico da Seleção, mas só se o cargo estiver vago e eu for convidado. E só aceitarei se eu puder impor tudo que pretendo; caso contrário, não irei. Não guardo mágoas nem rancores de ninguém lá na CBF. Afinal, sou um profissional e um brasileiro, não é? Bem, agora vou ao meu apartamento comemorar com amigos. Quando voltar de Belo Horizonte, irei ao bistrô do Elias.” (Depoimento a Chico Dominguez).



Carlos Alberto: “Seleção? Só se impôr meu sistema de trabalho”.

Ademir Mello: só revolta.

Sentado num canto do vestiário, Ademir Mello era o retrato da desolação. Os olhos vermelhos e a voz trêmula, revelavam toda a frustração com o vice-campeonato do São José. A consolá-lo, apenas o preparador físico Chichão. A maioria dos jogadores tomava banho, se trocava e ia para o ônibus, sem sequer olhar para Ademir, numa demonstração silenciosa de quanto está deteriorada a relação do grupo com o técnico.

Ademir não mediu palavras para explicar por que seu time não havia insistido no ataque, já que dependia da vitória para conseguir o título. “Todo o meu esquema dependia do Donizeti. Ele deveria ter puxado todos os nossos ataques quando tomássemos a bola. Mas ele não estava inspirado e ficamos sem opção. Nosso meio-campo e o ataque não jogaram bem. Não sei explicar bem porque”, esquivava-se.

Mas, tanto no intervalo como no final da partida, Ademir não poupou os jogadores que conseguiram o inédito vice-campeonato para o São José. “Ele falou que estávamos jogando para a televisão, só tocando a bola de lado. É triste você lutar contra um adversário superior e ouvir estas palavras de quem deveria nos dar apoio. Não é de graça que muitos jogadores não o suportavam”, declarava um atleta, que pedia para ficar no anonimato.

Quem não precisava se esconder era Toni, já vendido ao Valência, da Espanha. “Eu estava muito isolado no ataque. No intervalo, falei para o Ademir que queria sair. Ele desconversou, me enrolou, não me substituiu e nem mudou o esquema. Assim não dava para ganhar mesmo.”

Apesar de tudo à sua volta indicar o contrário, Mello afirmava ter bom

relacionamento com os atletas. “Temos uma relação profissional. Perdemos o título no campo. O São Paulo conseguiu fazer o mesmo tipo de jogo, segurando a bola, esperando o tempo passar, que tentamos na quarta-feira e entregamos a vantagem num gol contra.”

Mas quando perguntado sobre Marquinhos — lateral titular durante o campeonato e afastado da final — Ademir mostrou a ponta do iceberg. “Marquinhos, para mim, não existe. Não conversei com ele para explicar sua saída, porque o Marquinhos não é civilizado. Se ele fosse bom mesmo, não sairia do Guarani. E acho que sua saída não afetou em nada o grupo de jogadores. Afinal, cada um deles só pensa em si. Veja se eles estão preocupados com a perda do título. Que nada! A maioria só pensa em ser negociado e ganhar dinheiro.”

Cosme Rímoli

Os campeões paulistas

1902 - São Paulo A.C. (*)	1930 - Corinthians (**)	1963 - Palmeiras
1903 - São Paulo A.C. (*)	1931 - São Paulo (**)	1964 - Santos
1904 - São Paulo A.C. (*)	1932 - Palestra Itália (**)	1965 - Santos
1905 - C.A. Paulistano (*)	1933 - Palestra Itália (**)	1966 - Palmeiras
1906 - S.C. Germânia (*)	1934 - Palestra Itália (**)	1967 - Santos
1907 - S.C. Internacional (*)	1935 - Santos (*)	1968 - Santos
1908 - C.A. Paulistano (*)	1935 - Portuguesa (**)	1969 - Santos
1909 - A.A. Palmeiras (*)	1936 - Portuguesa (**)	1970 - São Paulo
1910 - A.A. Palmeiras (*)	1936 - Palestra Itália (*)	1971 - São Paulo
1911 - São Paulo A.C. (*)	1937 - Corinthians (*)	1972 - Palmeiras
1912 - S.C. Americano (*)	1938 - Corinthians (*)	1973 - Santos/Portuguesa
1913 - S.C. Americano (*)	1939 - Corinthians (*)	1974 - Palmeiras
1914 - Corinthians (*)	1940 - Palestra Itália (*)	1975 - São Paulo
1914 - A.A. São Bento (**)	1941 - Corinthians	1976 - Palmeiras
1915 - S.C. Germânia (*)	1942 - Palmeiras	1977 - Corinthians
1915 - A.A. Palmeiras (**)	1943 - São Paulo	1978 - Santos
1916 - Corinthians (*)	1944 - Palmeiras	1979 - Corinthians
1916 - C.A. Paulistano (**)	1945 - São Paulo	1980 - São Paulo
1917 - C.A. Paulistano (**)	1946 - São Paulo	1981 - São Paulo
1918 - C.A. Paulistano (**)	1947 - Palmeiras	1982 - Corinthians
1919 - C.A. Paulistano (**)	1948 - São Paulo	1983 - Corinthians
1920 - Palestra Itália (**)	1949 - São Paulo	1984 - Santos
1921 - C.A. Paulistano (**)	1950 - Palmeiras	1985 - São Paulo
1922 - Corinthians (**)	1951 - Corinthians	1986 - Internacional (Limeira)
1923 - Corinthians (**)	1952 - Corinthians	1987 - São Paulo
1924 - Corinthians (**)	1953 - São Paulo	1988 - Corinthians
1925 - A.A. São Bento (**)	1954 - Corinthians	1989 - São Paulo
1926 - Palestra Itália (**)	1955 - Santos	
1926 - C.A. Paulistano (***)	1956 - Santos	
1927 - Palestra Itália (**)	1957 - São Paulo	
1927 - C.A. Paulistano (***)	1958 - Santos	
1928 - Corinthians (**)	1959 - Palmeiras	
1928 - S.C. Internacional (***)	1960 - Santos	
1929 - Corinthians (**)	1961 - Santos	
1929 - C.A. Paulistano (***)	1962 - Santos	

(*) Liga Paulista de Futebol
 (**) Associação Paulista de Esportes Atléticos
 (***) Liga Amadora de Futebol

OS NÚMEROS

Depois de 29 jogos, o São Paulo termina o Campeonato Paulista com 42 pontos, 14 vitórias, 37 gols. E campeão.



Toni teve apenas uma grande chance para marcar, na decisão de ontem. Terminou o Campeonato artilheiro: 13 gols.

Classificação

	PG	J	VVT	E	DVP	DP	GP	GC
1º São Paulo	42	29	8 6	6	4 2	3	37	16
2º São José	41	29	11 4	5	7 2	0	36	19
3º Palmeiras	40	25	10 4	6	1 2	2	36	9
4º Corinthians	37	27	11 3	4	7 2	0	36	22
5º Portuguesa	34	25	7 4	8	4 0	2	38	19
6º Guarani	32	25	5 5	6	5 1	3	40	21
7º Bragantino	31	27	13 0	4	9 1	0	23	20
8º Santos	26	25	6 1	6	4 5	3	20	15
9º Internacional	25	25	6 1	7	7 3	1	20	20
10º Moji-Mirim	23	25	9 0	5	10 0	1	22	32
11º Novorizontino	22	25	5 1	5	9 4	1	17	23
União São João	22	25	6 1	5	7 2	4	24	26
13º XV Piracicaba	19	21	6 0	4	6 3	2	18	20
14º Noroeste	17	21	3 3	2	12 0	1	20	33
15º América	17	21	3 2	3	9 2	2	16	26
16º Santo André	17	21	6 0	3	7 2	3	14	24
17º Catanduvense	16	21	6 1	0	10 1	3	19	19
18º Ferroviária	13	21	5 0	3	12 0	1	16	33
Botafogo	13	21	2 0	7	8 2	2	14	27
Juventus	13	21	2 1	4	12 2	0	15	31
21º XV Jaú	12	21	2 2	0	12 2	3	15	23
22º São Bento	10	21	3 0	3	12 1	2	9	27

PG: pontos ganhos; J: jogos; V: vitórias; VT: vitórias por três pontos; E: empates; D: derrotas; VP: vitórias nos pênaltis; DP: derrotas nos pênaltis; GP: gols pró; GC: gols contra.

Renda

1º São Paulo	NCz\$ 2.014.945 (69.480)
2º Corinthians	1.791.015 (66.333)
3º São José	1.551.159 (53.488)
4º Palmeiras	1.499.057 (59.962)
5º Santos	810.392 (32.415)
6º Bragantino	782.096 (28.966)
7º Guarani	537.365 (21.494)
8º Portuguesa	512.054 (20.482)
9º Internacional	374.354 (14.974)
10º Moji-Mirim	332.734 (13.309)
11º União São João	321.737 (12.869)
12º Novorizontino	270.535 (10.821)
13º Botafogo	245.064 (11.669)
14º XV Piracicaba	231.663 (11.031)
15º Catanduvense	231.080 (11.003)
16º Juventus	205.149 (9.769)
17º Santo André	200.194 (.533)
18º América	192.015 (9.143)
19º Ferroviária	176.792 (8.418)
20º Noroeste	159.286 (7.585)
21º XV Jaú	154.792 (7.371)
22º São Bento	144.017 (6.857)

Artilheiros

13 GOLS	
Toninho (Portuguesa) e Toni (São José)	
12 GOLS	
Ronaldo Marques (Noroeste)	
Edu (Palmeiras)	
11 GOLS	
Washington (Guarani)	
10 GOLS	
Cláudio Adão (Corinthians)	
Gaúcho (Palmeiras)	
9 GOLS	
Vágner (Guarani) e Júnior (Santos)	
8 GOLS	
Roberto Cearense (Catanduvense)	
7 GOLS	
Marcos Roberto (Corinthians)	
Machado (Internacional)	
Betinho (Juventus)	
Élder (Moji-Mirim)	
6 GOLS	
Roberto Carlos (América)	
5 GOLS	
Gilcimar (Internacional)	
Catatau (Portuguesa)	
Sócrates (Santos) e Mazinho (São Bento)	
Vander Luís (São José)	
Vagner (XV Piracicaba)	
Cássio (União São João)	

Público

1º Corinthians	584.047 (21.631)
2º Palmeiras	564.533 (22.581)
3º São Paulo	556.105 (19.176)
4º São José	384.422 (13.255)
5º Santos	264.649 (10.585)
6º Bragantino	221.206 (8.192)
7º Guarani	212.348 (8.493)
8º Portuguesa	201.833 (8.073)
9º Internacional	156.786 (6.271)
10º União São João	151.596 (6.063)
11º Moji-Mirim	138.856 (5.554)
12º Catanduvense	118.657 (5.650)
13º Novorizontino	117.441 (4.697)
14º XV Piracicaba	114.666 (5.460)
15º Botafogo	112.391 (5.351)
16º XV Jaú	101.939 (4.854)
17º América	95.716 (4.557)
18º Juventus	92.775 (4.417)
19º Santo André	90.089 (4.289)
20º Ferroviária	85.712 (4.082)
21º Noroeste	76.198 (3.628)
22º São Bento	74.113 (3.529)

NELSINHO

**Ele carregou a
taça com orgulho.
Nada mais justo.**

Ele fez a tradicional volta olímpica com a vontade e a ambição de um menino, desses que estão em início de carreira. Não largou uma vez sequer da taça, uma pesada escultura em metal. Enquanto os seus companheiros iam ficando pelo caminho, ele conduzia a volta da conquista como um líder. E só abandonou o troféu quando este já estava nas mãos de um diretor do São Paulo, no vestiário. Nelson Luiz Kerchner, o lateral-esquerdo Nelsinho, tinha motivos de sobra para comemorar: ele jogou nas cinco decisões em que o São Paulo foi campeão paulista nos anos 80 e também no título brasileiro de 86.

— É muito difícil jogar numa decisão. A tensão existe. E nem o fato de eu estar acostumado com as decisões, modifica alguma coisa. Por isso, comemoro —, dizia o lateral.

Sua atuação foi comentada no Morumbi. Não foi um abuso. Foi a sua especialidade: jogar com garra, vibração e não falhar. Qualidades, ele argumenta, que lhe dariam a chance de jogar hoje na Seleção Brasileira.

— Não é por acaso que sou campeão tantas vezes pelo São Paulo. Se fizerem uma enquete entre os torcedores e a imprensa, eu sou o titular da Seleção.

Nelsinho, 26 anos, prefere não comentar, mas se acha um injustiçado.

— Falo sem mágoas. Se o trabalho lá na Seleção fosse mais sério, com menos politicagem, meu lugar estaria garantido. Mas não é; fazer o quê?

Emocionado, abarrotado de pedidos de autógrafos e até beijos de torcedoras-fãs, Nelsinho preferia elogiar mais o trabalho de seu clube, do que a força de seu futebol. O campeonato, para ele, foi árduo. Sofreu uma punição de 30 dias, após incidentes em Pira-



O lateral Nelsinho pode dizer que saboreou mesmo a fase de ouro Tricolor. Dos seis títulos da década, ele participou de todos.

cicaba. Voltou ao time, perdeu o seu lugar na Seleção. Não desanimou. E ontem guardava, no próprio corpo, o símbolo da sua conquista: a camisa número seis do São Paulo.

— Essa é minha, não dou a ninguém. Todas as camisas que visto, quando sou campeão, eu guardo para mim.

Assim, o lateral deve reservar um bom espaço em sua casa para conservar as camisas do clube. Desde que chegou ao São Paulo em 1978, nos juvenis, foram sete títulos: 78 e 79, campeão paulista juvenil; 80, 81, 85, 87, 89, campeão paulista profissional — e, em 86, campeão brasileiro.

Nessa galeria ainda figuram as conquistas de campeão do Torneio de Toulon pela Seleção Brasileira em 83. E mais: em 87 Torneio Pré-Olímpico, e Pan-Americano; em 88, medalha de prata em Seul.

A história dos títulos, para ele, não é segredo. Se o São Paulo é o rei da década de 80, ele é “o príncipe”. Foram sete triunfos e, nos sete, lá estava Nelsinho.

Ontem, também não foi diferente. Os seus dez companheiros não eram os mesmos de outros campeonatos, mas a lateral esquerda, essa sim, lhe pertencia. Por aquela estreita faixa do campo, os torcedores não se preocupavam. Ali, o São José não teria vez. E não teve.

Carregado pelos fãs, depois da tradicional volta olímpica, Nelsinho era o símbolo do São Paulo, um time com vocação de ser campeão. O lateral-esquerdo, nos momentos em que pôde falar sobre o jogo, quando os torcedores lhe deram uma folga, lembrou da força de sua equipe. Depois, não teve um vacilo para responder à pergunta:

Para quem você dedica esse título?

— Para meu filho.

Luiz Antonio Prósperi

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ